

O CAMINHO DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *ASSIM*

Lúcia Regiane LOPES-DAMASIO¹

RESUMO: O propósito deste trabalho é descrever o comportamento sintático, semântico e pragmático do item *assim*, à luz dos pressupostos teóricos da gramaticalização. Entendo a gramaticalização como parte do estudo lingüístico que focaliza a mudança que se dá a partir de um processo gradual de pragmatização do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial, que aumentam a informação pragmática, e estratégias metafóricas, que acarretam a abstratização (TRAUGOTT, 1982, 1989, 1995 e TRAUGOTT; KÖNIG, 1991). Sugiro uma trajetória unidirecional que parte do proposicional ao textual e à (inter)subjativização, relativa ao fato de que os falantes, em nome da expressividade, desenvolvem significados novos para lexemas já existentes, codificando suas atitudes a respeito do que é dito ou das atitudes do ouvinte (TRAUGOTT, 1982, 2004). Os resultados revelam uma trajetória que parte do uso fonte *dêitico*, em direção a usos *fóricos modais*, voltados ao domínio do texto, experimentando momentos de ambigüidades, denominados *dêiticos fóricos*. A partir daí, a trajetória sofre uma bifurcação, via processos de subjativização, que leva ao uso de *conjunção coordenativa conclusiva*, e de (inter)subjativização, originando o *marcador discursivo*.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; mudança; subjativização; intersubjativização.

Introdução²

Neste trabalho, será proposta uma trajetória de desenvolvimento e de gramaticalidade do item *assim*, desde sua origem latina e seu uso no português arcaico, até sua multifuncionalidade contemporânea, sob o objetivo de realizar uma exposição empírica,

¹ UNESP/Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Letras e Lingüística, CEP:15054-000, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil, luciaregiane@bol.com.br.

² Este trabalho é resultado de um dos capítulos da minha dissertação de Mestrado, intitulada “A emergência do marcador discursivo *assim* sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjativização”.

baseada na sua análise comportamental e qualitativa, a partir dos pressupostos teóricos da gramaticalização (GR, daqui em diante), buscando uma reflexão acerca de seu postulado teórico, enquanto possibilidade de explicação da trajetória de desenvolvimento desse item até seu uso enquanto Marcador Discursivo (MD, daqui em diante).

Os corpora utilizados para a contemplação de tais objetivos são compostos: (i) para a investigação histórica, pela Amostra Diacrônica do Português;³ e (ii) para a análise sincrônica, por dez inquéritos do Banco de Dados Iboruna, constituído por amostras de fala da região Noroeste de São Paulo.

Uma abordagem teórica da gramaticalização

Para Traugott (1982, 1989) é prioritária a análise dos aspectos semânticos e pragmáticos relacionados à GR, que, segundo ela, consiste num processo gradual de pragmatização do significado que envolve estratégias de caráter inferencial e metafórico, responsáveis pelo aumento de informação pragmática e de abstração, respectivamente.

Para explicar as mudanças semânticas que ocorrem na GR, Traugott (1982) adota um modelo semântico funcional de linguagem, composto pelos componentes: (i) *proposicional*, que engloba os elementos que mantêm uma relação direta com o mundo extralingüístico, (ii) *textual*, em que os elementos envolvidos permitem a organização de um discurso coeso e (iii) *expressivo*, em que estão os elementos que exprimem atitudes pessoais do falante a respeito do assunto e de outros participantes. Dessa forma, a mudança de significado

³ Cf. o *corpus* completo no *site* www.cdp.ibilce.unesp.br

experimentaria uma trajetória unidirecional do tipo *proposicional* > *textual* > *expressivo* (TRAUGOTT, 1982), que aponta para o fortalecimento da expressão (inter)subjativa do falante e que pode explicar, portanto, a emergência de MD.

No entanto, ainda hoje algumas dificuldades persistem quando se trata de pensar a GR, ilustrada por essa trajetória, já que, por apontar o fortalecimento da expressão (inter)subjativa do falante, o seu entendimento depende, imprescindivelmente, do abandono da tese do *enfraquecimento semântico*, muito postulada desde Meillet.⁴ Traugott e König (1991) reconhecem a ocorrência da generalização, associada aos estágios mais tardios do processo, mas reafirmam a existência de ganhos semântico-pragmáticos, de maior relevância. A partir dessa concepção, a mudança sofrida por *assim* exemplifica um caso de GR que, a partir de uma trajetória específica, revela uma variedade de usos passíveis de serem organizados em um contínuo que parte não só do menos gramatical para o mais gramatical, mas também do menos subjetivo para o mais subjetivo e, concomitantemente, do mais subjetivo e menos intersubjetivo para o mais subjetivo e mais intersubjetivo.

Em concordância com tal proposta, entendo a *subjetivização* e a *intersubjetivização* como processos que se dão em correlação com o componente mais à direita dessa trajetória e, conseqüentemente, com o que estou entendendo aqui como representativo dos estágios mais avançados de GR. A *subjetivização* é definida como o processo por meio do qual significados tornam-se cada vez mais baseados em crenças subjetivas ou atitudes do falante

⁴ A GR, nos termos de Meillet (1965 [1912]), equivale a um processo de mudança que envolve, necessariamente, dois componentes lingüísticos, o léxico e a gramática, e estabelece entre eles uma relação unidirecional, em que os elementos do léxico podem, eventualmente, migrar para a gramática, mas não vice-versa. Dessa forma, nessa acepção, a GR deve ser entendida como um processo que se inicia em um item de natureza lexical e expressiva e termina em um novo item de natureza gramatical, menos expressivo, menos concreto, enfraquecido semântica e fonologicamente e mais recorrente.

em relação ao que é dito e a como é dito (Traugott, 1989, 1995, 1999)⁵. Por sua vez, a *intersubjetivização* leva os significados a centrarem-se no ouvinte, no sentido epistêmico e social, funcionando como um estágio que é posterior à subjetivização.

A partir dessas observações, focalizo os meios em que a GR desenvolve o fortalecimento semântico-pragmático, ou seja, o modo como ocorre a generalização de significados mais concretos, acompanhada de ganhos de abstratização e de novos significados pragmáticos, como (inter)subjetivização.

A gramaticalização de marcadores discursivos

Vale partir, antes de tudo, da conceituação da classe de palavras que abarca os MD. Segundo Risso *et al.* (1996),⁶ foram elencadas dezesseis variáveis, dispostas a partir de diferentes definições, identificadoras das unidades possivelmente denominadas de MD, recortando-as em traços potenciais. Assim, as unidades que contemplam o denominado *núcleo piloto*⁷, são consideradas MD prototípicos.

⁵ Como verificamos no desenvolvimento de MD advindos de advérbios, exemplificável também por *assim*.

⁶ A natureza particular da “classe” dos MD e a sua concepção são baseadas na proporcionalidade do enquadramento do item focalizado no núcleo básico de propriedades, distribuídas em (16) variáveis: (01) Padrão de recorrência; (02) Articulação de segmentos no discurso; (03) Orientação da interação; (04) Relação com o conteúdo proposicional; (05) Transparência semântica; (06) Apresentação formal; (07) Relação sintática com a estrutura oracional; (08) Demarcação prosódica; (09) Autonomia comunicativa; (10) Massa fônica; (11) Tipo de ocorrência; (12) Base gramatical. As variáveis (13), (14) e (15) dizem respeito, respectivamente, à depreensão do sexo dos informantes, do local de registro dos inquiridos e do tipo de inquirido, ou seja, são variantes de natureza sociolingüística, e, por fim, (16) Posição (cf. Risso *et al.* 1996).

⁷ Risso *et al.* (1996) elegem um “núcleo-piloto definidor dos MDs”, composto por traços avaliados como decisivos para a delimitação do conjunto dos marcadores, a partir da estabilidade com que são verificados nos

O fato de enxergar o desenvolvimento desses itens a partir da perspectiva da GR exige que não haja adesão completa aos critérios propostos, por exemplo, por Lehmann (1985, 1995[1982]). No contexto de uma discussão mais elaborada acerca dos diversos *parâmetros e processos* da GR, esse autor identifica *escopo, conexidade e variabilidade sintagmática* como parâmetros desse processo, que evidenciarão a mudança de uma relativa liberdade na sentença para uma relativa fixidez, e de um escopo mais amplo para um escopo mais pontual. O caso do desenvolvimento dos MD parece violar, num primeiro momento, tais critérios sintáticos. Nesse sentido, alguns autores, como Erman e Kotsinas (1993 *apud* TRAUGOTT, 1995) sugerem que, ao invés de GR, o processo de *pragmaticalização* ou *discursivização* pudesse explicar a emergência de MD, baseando-se no fato de que eles se restringem à fala e de que não se faz necessário um estágio de desenvolvimento entre o lexema fonte e o marcador. No entanto, esses argumentos são falhos, como mostra Traugott (1995) em relação a vários exemplos do inglês e de outras línguas e, como será exemplificado, ao caso de *assim*, já que o componente *textual* é imprescindível para que se alcance o último estágio do item, como MD.

Apesar disso, para a viabilização de tal proposta, faz-se necessária uma teoria de gramática que inclua elementos que ocupam posições sintáticas e tenham funções sintáticas, assim como aqueles que desempenham, prioritariamente, funções pragmáticas. Nessa perspectiva, o caso dos MD torna-se objeto legítimo de estudos em termos de GR.

itens em questão. Esses traços equivalem às variáveis (02), (03), (04), (07) e (09), referentes ao contrabalanceamento entre os aspectos da articulação textual e da orientação da interação, à exterioridade dos MDs em relação ao conteúdo proposicional, à independência sintática e à falta de auto-suficiência comunicativa. Cada uma dessas variáveis é composta por traços específicos, mais ou menos esperados em relação ao comportamento prototípico de um MD. Dessa forma, as possibilidades de comportamento de um item específico que sejam coerentes com os traços comportamentais de um MD definem as combinações possíveis de preenchimento desse núcleo-piloto.

Essa abordagem leva ao entendimento de *discurso* como um ingrediente essencial no processo que pode gerar a mudança. No entanto, não é correto, segundo Traugott (2003), entendê-la no sentido *discurso* > *sintaxe* (como algumas leituras da proposta de Givón sugerem), mas ao contrário, ou seja, a partir da sintaxe já existente, via usos pragmáticos no discurso, tem-se uma nova sintaxe, operando diferentemente a partir de funções agora mais específicas. Em muitos casos, como o de *assim*, o que ocorre é um novo recrutamento de estruturas morfossintáticas já existentes na língua.

A partir dessas considerações teóricas, parto para a análise pancrônica de *assim*, de modo a contemplar seu desenvolvimento ao longo dos séculos e constatar seu comportamento multifuncional na sincronia atual.

O caso de *assim*: do latim ao português contemporâneo

Segundo Ferreira (1983), *assim* deriva do latino *ad sic*. De acordo com Ernout e Meillet (1957), o elemento *ad* exercia o papel de preposição, cujo valor semântico relacionava-se à aproximação temporal ou espacial, como “*em direção a*” e “*para*”, atuando como uma espécie de reforço de formas adverbiais, por imprimir nelas o sentido de aproximação, direção ou adição. Por outro lado, o elemento *sic(e)* do antigo *seic*, advérbio modal, equivalente a “*dessa maneira*” e constituído pela partícula *ce*, era muito comum nas línguas itálicas, fazendo-se presente em pronomes demonstrativos, como *hic(e)* (este) e

illic(e) (aquele), da mesma forma que em advérbios providos de noções demonstrativas, como *tunc(e)* (então), *nunc(e)* (agora) e *sic*. Esse dado corrobora a origem dêitica do item.

Primeiramente, há um processo de aglutinação da seqüência “*preposição + advérbio*”, que constitui uma única unidade adverbial [*ad* (preposição)+ *sic* (advérbio)]>*ad sic*], depreendida a partir de grafias variantes (*adsic, assi, asi, assy, asy, etc.*), e desempenhando funções distintas. Dentre suas muitas ocorrências, no período correspondente ao século XIII, destaco, primeiramente, aquelas em que desempenha a função textual de realizar referências anafórica e catafórica, experimentando seu primeiro movimento em direção ao texto, uma vez que representa um meio para aludir a elementos textuais.⁸ A ocorrência que segue ilustra seu papel de sinalizador anafórico:

(01) “*Ora me leva a salvo, e eu te prometo que ta leve daqui a III dias u quiseres.*”
“*Pois fará-lo assi?*” *Disse o demõ.*[Pois fará assim/dessa forma?]*E el lho prometeu lealmente, e o demõ o guiou logo...*(13, DSG, p. 55)

O item retoma uma porção textual, anteriormente expressa, correspondente a uma promessa, desempenhando seu papel funcional de sinalizador anafórico, elemento de coesão intratextual. A ocorrência (02) ilustra o uso catafórico de *assim*:

(02) *Quando el viu que seu coração, que nunca fora espantado, começou a entrar em mêdo e em espanto e que chorava e nom sabia porquê, disse assi: “Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorrei-me e nom me leixe ainda morrer...*(13, DSG, p. 59)

Em (02), o item prepara o leitor para o modo como será proferido o discurso direto. O contexto lingüístico favorece a presença desse recurso discursivo, já que, ao mesmo tempo em que o item realiza o processo de sinalização, desempenhando função textual, também aponta para as características modais de realização do referido ato discursivo,

⁸ Foricidade é “a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado” (NEVES, 1997).

desempenhando uma função mais proposicional. Essa observação mostra que ao funcionar como uma estratégia gramatical de manutenção da coesão textual, o item preserva seus traços modais, corroborando sua identificação como *fórico modal*, e revela a permanência de traços dêiticos na acepção, o que permite denominá-lo *dêitico fórico*.⁹

Já no século XIII, há poucas ocorrências do item desempenhando uma função ambígua, na qual, ao mesmo tempo em que realiza uma sinalização de base anafórica, remetendo a toda uma porção textual maior, permite, concomitantemente, a inferência de uma leitura de *conclusão* ou *conseqüência* em relação ao que foi dito e ao que será dito:

(03) *E pero non era tam saão que nom houvesse já mais de VII chagas unde outro cavaleiro seria morto pelo meor. E êsto era uua cousa que fazia muito enfrebecer. Assi se defendia antre tantos e taaes, que nom havia i tal que lhe nom quisesse haver a cabeça talhada.* (13, DSG, p. 125). [Assim/dessa forma/Portanto, se defendia entre tantos e tais, que não havia aí tal que não quisesse ter-lhe a cabeça talhada]

Segundo Heine *et al.* (1991), durante a GR, sempre há algum tipo de sobreposição das acepções envolvidas: entre os dois extremos, as categorias *fórico modal* (A) e *conjunção coordenativa* (B), há um estágio intermediário, por meio do qual a transmissão se dá de forma gradual, havendo, portanto, momentos de ambigüidade (A/B), em que a estrutura precedente e a seguinte coexistem, como variantes funcionais (A > [A/B] > B).

Nesse período, as poucas ocorrências que seguem a orientação de (03) sinalizam o início do processo que leva à emergência da *conjunção coordenativa*. A noção de *coordenação* adotada aqui é, primeiramente, semântica, pressupondo uma concepção de *oração desvinculada* da representação sintática, na qual as *orações* equivalem a atos de

⁹ Essa permanência de traços do significado *fonte* no significado *alvo* é nomeada de *persistência* e indica processos incipientes de GR (HOPPER, 1991).

enunciação suscetíveis de bipartição em dois segmentos de importância comunicativa diferente, o *tema* (ponto de partida) e o *propósito* (centro de interesse da comunicação) (BALLY, 1965, *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2005).

Dessa forma, *assim* funciona como *conjunção coordenativa conclusiva*, não prototípica, caracterizada por um movimento retroativo e projetivo, a partir da expressão: C1 + (conjunção +C2)¹⁰ (CARONE, 1991). É sustentada a noção de coordenação de Bally (1965), no resumo que Carone (1991) faz dos elementos necessários para confirmar um determinado conjunto de conjunções coordenativas, do qual *assim* é integrante, e o fato de que elas passam a pertencer a C2: (a) um termo de valor adverbial, pertencente a C2, reitera C1 como um todo; (b) esse termo funciona como um representante de C1 em C2; (c) esse circunstante entra em processo de cristalização, no qual se desvanece paulatinamente a noção de que é uma anáfora de C1; (d) é fortalecida sua função *relacional*, já que é a premissa exposta em C1 que permite o movimento subjetivo-conclusivo expresso em C2; e (e) completado o processo, está criada mais uma conjunção coordenativa, pertencente a C2.

Nos dados dos séc. XIV e XV, verifica-se a manutenção das acepções já encontradas e a alta recorrência dos usos fóricos, nos quais, em determinados contextos, o item realiza uma sinalização textual que se dá retroativa e projetivamente:

(04) [...] e ela pidiu licença, que a leixasse sair fóra pera adorar, e fazer oraçom ao seu Deus, e *assy* fez: per três noytes saía fora da oste, e bautizava-se nas auguas, e fazia oraçom a Deus d'Israel. (14, BMP, p. 368) [e ela pediu licença para que a deixassem sair para adorar e fazer oração ao seu Deus, e assim o fez: por três noites saía da oste e batizava-se nas águas, e fazia oração a Deus de Israel]

¹⁰ C representa “*enunciados coordenados*”.

Ao mesmo tempo em que sinaliza ao leitor que uma porção da informação já foi dita, “*e ela pidiu lecença [...]*”, *assim* também sinaliza que serão acrescentadas outras informações ao conteúdo do enunciado, ou seja, projetivamente, anuncia sua expansão.

Há, ainda, ocorrências em que, ao apontar uma porção textual maior, *assim* aponta um termo específico, que funciona como síntese de todo o conteúdo da porção resgatada do enunciado, realizando a função inversa da apresentada em (04), que era de expansão:

(05) *começou o cavallo bullir rijamente coma as mãos e com os pees; e permeando **assi** rijamente, acertou o canello da ferradura da mão ho tecido dhuma fivalla...*(15CDF, p. 117-118) [começou o cavalo a bulir rijamente com as patas (mão e com os pés): e esperneando assim rijamente, acertou o canelo...]

Em (05), ilustro a dupla função de *assim*: realizando uma referência de natureza anafórica, que remete a todo um contexto anterior, no qual é especificada a maneira como o animal agia no momento (*bullir rijamente coma as mãos e com os pees, e permeando*), e também remetendo, a partir do movimento de catáfora, a uma informação que, resumidamente, intensifica a informação a respeito do modo como o animal se comportava, apresentado anteriormente (*rijamente*), sendo mantida a natureza adverbial do item.

O desenvolvimento da conjunção coordenativa evidencia-se também nesses séculos:

(06) *Eno quinto dia ornamentou nosso senhor o aar, e as auguas, e deu ao aar as aves, e aa augua pexes, e **assi** os pexes como as aves, todos foramfeitos das auguas...* (14BMP, p.22) [e no quinto dia nosso senhor ornamentou o ar, e as águas, e deu ao ar as aves, e à água peixes, e assim os peixes e as aves, todos foram feitos das águas...]

Nessa ocorrência, em que há a estrutura “C1, e *assi* C2”, em que ambos os elementos são independentes, separados por uma pausa e constituídos em tema/propósito, C2

apresenta um movimento semântico conclusivo que só pode ser interpretado a partir de C1. A não prototipicidade da conjunção *assi* é corroborada, nesse caso, pela co-ocorrência de *e*.

Os usos de *assim*, nos dados do século XVI, continuam configurando o *continuum* que sinaliza a manutenção das acepções dos séculos anteriores, assim como o aumento de frequência de algumas delas. Um exemplo desse aumento pode ser dado pelos casos em que *assim* segue a conjunção coordenativa *e*. Mas, nesse mesmo século, temos ocorrências nas quais, já sem a partícula *e*, *assim* desempenha a função coordenativa. Vejamos:

(07) *Quem duuida disso? que como de tres tirando huu, não fica ternario, assi tirando de hua substancia o que é proprio da substancia da cousa, já não fica a mesma cousa.* (16, DP, p.35) [Quem duvida disso? Que da mesma forma que de três tirando um não fica mais ternário, assim/por isso/portanto tirando de uma substância o que é próprio dela, já não fica mais a mesma coisa]

Não há perda de caráter adverbial e função lingüística fórica do item, no entanto, são acrescidas as avaliações subjetivas do falante, que levam à instauração de uma pressuposição com base nos dados apresentados: a partir de um conhecimento *X*, específico, o falante conclui *Y*, geral, considerando seu conhecimento de mundo e sua avaliação subjetiva, o que configura um ganho relevante de abstração do item.

Nesse século, ocorre também o desenvolvimento da acepção explicada em (05). Agora, o que se verifica é o enfraquecimento do movimento anafórico em prol da manutenção do catafórico, relacionado a uma certa intensificação da informação focalizada:

(08) *e pella ventura, mays abastardo e certo, e que elle sabe que ysto he assy verdadeiramente. E, depois de assy myudamente com o mais que sobre vos parecer, segundo o que la mais souberdes, vemdo que elle nam se muda pera o fim que aly queremos...*(16, OSD, p.33)

Na primeira ocorrência de *assy*, o item tem sua função anafórica enfraquecida, e a catafórica fortalecida, o que se evidencia pelo pronome demonstrativo *ysto*, anterior a *assy*, já que cabe a ele a função de realizar a remissão textual às informações anteriormente expressas e a *assy* a de remeter àquilo que ainda será inserido no texto. A segunda ocorrência do item compartilha contexto com o advérbio *myudamente*, apresentando mesma característica.¹¹ Assim, conclui-se que a função de fórico modal é mais fortemente realizada, nessas ocorrências, pelos advérbios terminados em “-mente” (*verdadeiramente*, *myudamente*). Em conseqüência, há um enfraquecimento de tal função em *assim*, mais relacionado, pragmaticamente, à focalização dos advérbios que o seguem.

Nos dados do séc. XVII, além da co-ocorrência de *e* e *assim*, há um aumento das ocorrências em que apenas *assim* desempenha a função conjuncional, o que representa um desenvolvimento do item em relação a essa acepção.

As demais ocorrências, nesse como nos séc. XVIII, XIX e XX, revelam a manutenção das acepções já encontradas, o que permite constatar que, até o séc. XVI, depreendem-se todas as acepções de *assim*. Vale destacar que, a partir da função fórica, *assim* passa a desempenhar uma série de funções não completamente esclarecidas, contemporaneamente. Essas funções extrapolam, como a conjuncional, o âmbito das relações textuais e alcançam o nível das relações expressivas, nos termos propostos por Traugott (1982, 1995, 2003). Sendo assim, passo a uma análise da multifuncionalidade sincrônica de *assim*, até alcançar esse seu uso mais pragmático.

¹¹ Martelotta (1996) chama esse uso de catafórico irrestrito, ancorado na possibilidade de o extrairmos sem causarmos nenhum prejuízo à sentença.

A multifuncionalidade sincrônica de *assim*

Os usos sincrônicos de *assim* decorrem de uma forma-fonte dêitica, de base adverbial, caracterizada por indicar, em contextos específicos, tamanho, quantidade, forma, ou mesmo fazer referência a gestos realizados pelo locutor, no momento da fala. Trata-se de um uso dêitico porque estabelece, segundo Neves (1997), a referenciação de um elemento significativo a um estado de fato, a partir das coordenadas estabelecidas no enunciado.¹²

(09) *dessa árvore até esse loca::l você tem que passar um/ uma (tri::lha) né?... [Doc.: hum] um certo matinho um mato assim dessa altura **assim** ((mostra a altura com a mão))... aí você atravessa uma ce::rca... e:: e tem:: ali depois que você atravessa a cerca tem um pequeno gramadinho...(AC-035/DE223)*

Em (09), a transcrição nos fornece o dado “((mostra a altura com a mão))”, pertence ao contexto situacional extralingüístico, sobre o que é realizado no momento da utilização do item, cuja função é tornar possível a compreensão do enunciado, já que não estamos presentes na sua realização, o que evidencia o traço dêitico da acepção. Observemos agora:

(10) *Doc.: você apóia a missanga aonde?*

*Inf.: eu pego uma tábuia de madeira **assim** ((mostra com a mão o tamanho da madeira utilizada)) grande e ela tem uns pezinhos...(AC-056/RP284)*

Embora a acepção dêitica permaneça, ao mesmo tempo em que se faz alusão a um gesto, pertencente ao contexto situacional, o dado fornecido pela informação acrescentada por meio da transcrição “((mostra com a mão o tamanho da madeira utilizada))”, passa a

¹² Como vimos, *assim* tem uma origem dêitica, a partir da partícula *ce*, que pode explicar esse uso dêitico, prototípico da fala, bastante recorrente sincronicamente.

interar a enunciação, acarretando um movimento fórico, de base catafórica, de remissão no âmbito textual. Assim, a partir de um mecanismo pragmático, a *dêixis*, o falante, visando a produção de um enunciado claro, projeta para o campo da linguagem verbal, o movimento cognitivo, representativo da necessidade de lançar mão da linguagem não-verbal, para se fazer suficientemente claro. Esse recurso extralingüístico é convertido em linguagem verbal, com a inserção do modificador “*grande*”, e passa a ser sinalizado por *assim*, textualmente, por meio da foricidade. Temos, dessa forma, um primeiro momento de polissemia, denominado de *dêitico fórico*, também verificado diacronicamente.

Em estágio posterior de gramaticalidade, caracteriza-se um uso especializado em fazer remissões anafóricas e catafóricas, no domínio textual, por isso denominado *fórico modal*. Os usos anafórico e catafórico, registrados no português arcaico (século XIII, como observamos), representam um movimento concretizado de *assim* em direção ao texto. Para exemplificar, primeiramente, o movimento de *anáfora*, seguem as ocorrências:

(11) “*tá tudo bem com você?*”- *eu falei* - “*tá, por quê?*” – *ela falou* “*o eu só quero eu só quero eu só vou te avisar que o Cacá táí*” – *que é assim que todo mundo chama ele né* (AC-022/NE110)

(12) *ái ele desviou pra cá bateu na sarjeta o carro capotou... meu irmão caiu pra fora do ca::rro... que eles voou pra frente sei lá uma coisa assim...* (AC-006/NR46)

Embora ambas as ocorrências caracterizem a *anáfora*, há uma distinção na complexidade sintático-semântico-pragmática em relação à porção textual capturada em (11) e em (12): respectivamente, *assim* remete pontualmente a um termo específico, “*Cacá*”; e, acompanhado de “*coisa*”, aponta todo um período, modalizando seu conteúdo e promovendo o descomprometimento do falante em relação ao seu valor de verdade.

Em todas as ocorrências de usos fóricos de *assim*, a paráfrase por *desse modo* é possível, isso porque ao funcionar como um fórico, tendo acrescida uma função textual, o item preserva traços modais, o que justifica o seu tratamento como *fórico modal*.

(13) *fui na casa/eu tava na casa de uns amigos meus... aí eu peguei e falei **assim** - “ah eu vou lá na casa da:: da tia do Carlos né” - que é Carlos que chama meu namorado – “ah eu vou lá na tia dele que eu adoro eles to sempre lá conversando tal”*(AC-022/NE109)

(14) *e aqui na frente uma cômoda **assim**:: igual a sua pequenininha gostoso o quarto... aí no fim do corredor tem um quartão grande...*(AC-022/DE149)

Também em (13) e (14) depreendemos uma diferença no comportamento do item em correlação com sua função catafórica. Em (13), temos um exemplo prototípico de catáfora; já em (14), o item anuncia a inserção de um complemento de “*cômoda*”, “*igual a sua pequenininha*”, que dispensaria esse elemento, denominado de *catafórico irrestrito* (MARTELOTTA, 1996). Usos catafóricos, principalmente como em (14), apresentam uma forte relação com os usos identificados em contexto dêitico, como em (10), contexto esse que aponta, na continuidade do processo, para a emergência dos usos do item enquanto MD.¹³ Diferentemente das demais, a ocorrência (14) não permite paráfrase por *desse modo*, já que o traço modal aparece semanticamente esvaziado, apontando o prosseguimento do desenvolvimento da trajetória de GR do item, uma vez que, segundo Traugott (2003), uma perda sempre é acompanhada de um ganho semântico-pragmático, observado, aqui e na ocorrência (12), por meio da modalização do conteúdo sinalizado.

¹³ Nesse *corpus*, a função mais próxima a essa foi registrada pela primeira vez por volta do século XVI, conforme destacado.

A continuidade da análise dos dados revela uma “bifurcação” da trajetória de *assim*. Para explicá-la, retomamos o exemplo (12) de anáfora, em que toda uma porção textual maior é sinalizada. A partir basicamente desse movimento, *assim* desempenha a função de *conjunção coordenativa conclusiva*:

(15) *Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições. Assim, podem obter melhores preços e maiores prazos [...]* (CEL: Ar-011o¹⁴)

De acordo com (15), pertencendo o elemento anafórico a C2, a seqüência das orações torna-se fixa: C2 pressupõe C1, numa relação em que a primeira é fonte para o processo cognitivo-subjetivo instaurado na conclusão, situada na segunda. Nesse momento, há: (i) uma conexão ao processo de subjetivização, em que o falante, com o propósito de codificar suas atitudes sobre o que está sendo dito, atualiza um novo significado, conclusivo, para *assim*; (ii) a apreensão do parâmetro relativo à fixação sintática do item em ocorrências nas quais se aproxima da prototipicidade conjuncional; e (iii) a observação de um aumento de seu escopo estrutural, seguindo faceta do uso anafórico.

Mantendo a noção de uma trajetória de gramaticalidade de *assim* caracterizada por uma bifurcação, temos, por fim, uma última acepção, caracterizada por se tratar de um uso mais discursivo-pragmático, em que o item, a partir do movimento fórico, com ênfase no de base catafórica, anuncia categorias distintas da sentença. Chamamos esse uso de MD:

(16) *Inf.: aí meu primo tava dormindo é na:: na::... na parte de trás da:: caminhonete... aí... éh:: eles eles tavam lá... aí o:: eles tavam entrando **assim** já tinham abrido o portão chegou um cara falou com uma arma falou prá eles pra ele passar...(AC-001/NR07)*

(17) *Doc.: agora eu queria que/ **assim** você já viajou pra algum lugar? (AC-006/DE54)*

¹⁴ Essa ocorrência foi extraída de LOPES (2005).

(18) *o prato mais legal que eu gosto de fazer assim... desses salgado... é o miojo meio diferente assim... [Doc.: ((risos))]....* [AC-035/RP238]

Embora agrupadas sob o rótulo MD, verificam-se funções discursivo-pragmáticas distintas, nessas ocorrências (para uma abordagem completa da análise das funções e subfunções do MD *assim*, ver LOPES-DAMASIO, 2008). De qualquer forma, esse emprego do item não está mais desempenhando apenas uma função catafórica, essencialmente textual. Seu emprego reflete também aspectos interativos, no sentido de que pode desempenhar funções distintas na concepção e organização do discurso.

Considerações importantes

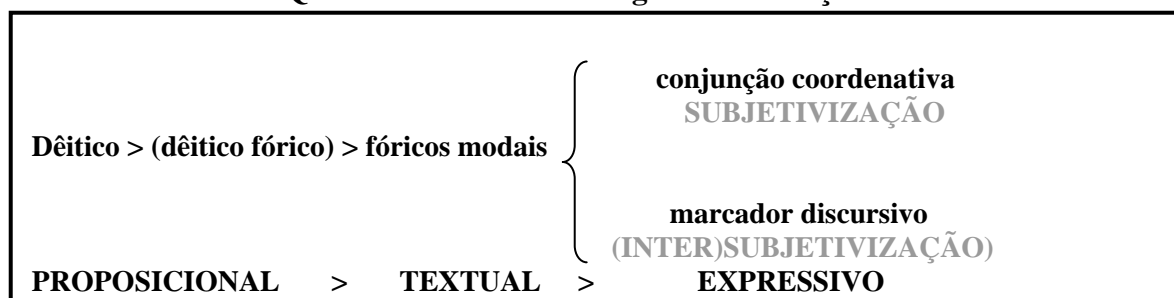
Neste trabalho, enfatizamos os aspectos envolvidos no processo de GR de *assim* de modo a apontar as possíveis implicações, principalmente do componente pragmático, no caráter unidirecional da mudança experimentada pelo item. Sob essa perspectiva, os usos mais concretos de *assim* (*dêiticos*) representam um domínio conceptual distinto daquele que corresponde aos usos *fóricos modais*, voltados ao domínio do texto. Temos aqui uma transferência metafórica do mundo das experiências proposicionais, para o mundo do texto. A passagem de um domínio a outro se reflete no caráter ambíguo de determinados usos que sinalizam uma etapa de sobreposição (*dêitico fórico*) decorrente de uma implicatura conversacional que atua por contigüidade metonímica, a fim de se convencionalizar num contexto específico, sempre mediante o fator recorrência.

No domínio do texto, dos usos *fóricos*, e das suas funções de estabelecer sinalizações prospectivas e retrospectivas, alcançando porções textuais estruturalmente distintas, provavelmente tenha derivado os usos como *conjunção coordenativa conclusiva* e *MD*, característicos da função expressiva da linguagem, na qual temos a contemplação da (inter)subjetivização, ou seja, da intensificação da subjetividade do falante a respeito do que é dito e também de como é dito, levando-se em conta as relações com o ouvinte.

Tomando como base a concepção de GR de Traugott, sugerimos que a trajetória de desenvolvimento de *assim* aponta para um ganho de pragmática. Nessa perspectiva, a característica da “persistência”, postulada por Hopper (1991), torna-se imprescindível para a interpretação do processo de GR de *assim*, uma vez que o caso específico desse item mostra que existe, ao longo de sua trajetória, um acúmulo de características funcionais do item *fonte*, nas funções do item *alvo*, acarretado, no processo, por essa característica. A adição dos ganhos de expressividade, relativos à (inter)subjetivização, a essas características preservadas, acabam por pintar o rico quadro funcional do item.

No entanto, a partir dessa análise pancrônica, é possível reconhecer a trajetória de gramaticalidade e de desenvolvimento dos usos de *assim*, que parte daqueles empregos mais concretos, até os mais abstratos, como um quadro de gramaticalização que envolve multifuncionalidade e (inter)subjetivização, tal como esquematizado abaixo:

Quadro 1: O caminho de gramaticalização de *assim*



Referências bibliográficas

CARONE, F. B. *Subordinação e coordenação: Confrontos e contrastes*. 2ed. São Paulo: Ática, 1991.

ERNOUT A., MEILLET A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 3.ed. Paris: Libraire C. Klincksiech, 1951.

FERREIRA, A. *Dicionário de Latim Português*. Lisboa: Editora Porto, 1983.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, p. 17-35, 1991.
LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincon Europa, 1995.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. In: *Estudos Lingüísticos*, 53, 2005.

LOPES-DAMASIO, L. R. *A emergência do marcador discursivo "assim" sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização*. São José do Rio Preto. 244f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2008.

LOPES, L. *Gramaticalização da Perífrase Conjuncional "assim que" na História do Português*. São José do Rio Preto. 97f. Relatório de Iniciação Científica - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, 2005.

MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. Gramaticalização e discursivização de assim. In: VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965.

NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.1, p.21-94, 1996.

SILVA, G. M. de O *et al.* Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, p. 297-347, 1999.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, p. 245-271, 1982.

_____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, 65:01, 1989.

_____; KÖNIG. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.

_____. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.

_____. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.

_____. Constructions in Grammatization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (orgs.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells, 2003.